

ANO 1 Número 5 Setembro 92 Cr\$ 18.000,00

OS CAMINHOS DA

Tempero

AVENTURA • NATUREZA • ECOLOGIA

ILHA DE PÁScoa

As novas descobertas
de um velho enigma

CANAPI

O sertão
que virou
um mar
de lama

EL NIÑO

Por que o clima
ficou louco

VALE

DA ILUSÃO

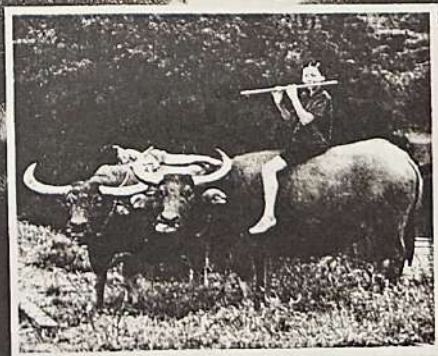
uma viagem
por novas cavernas
no Brasil

VIETNÃ NOW

Como vive o
país que escapou
do apocalipse

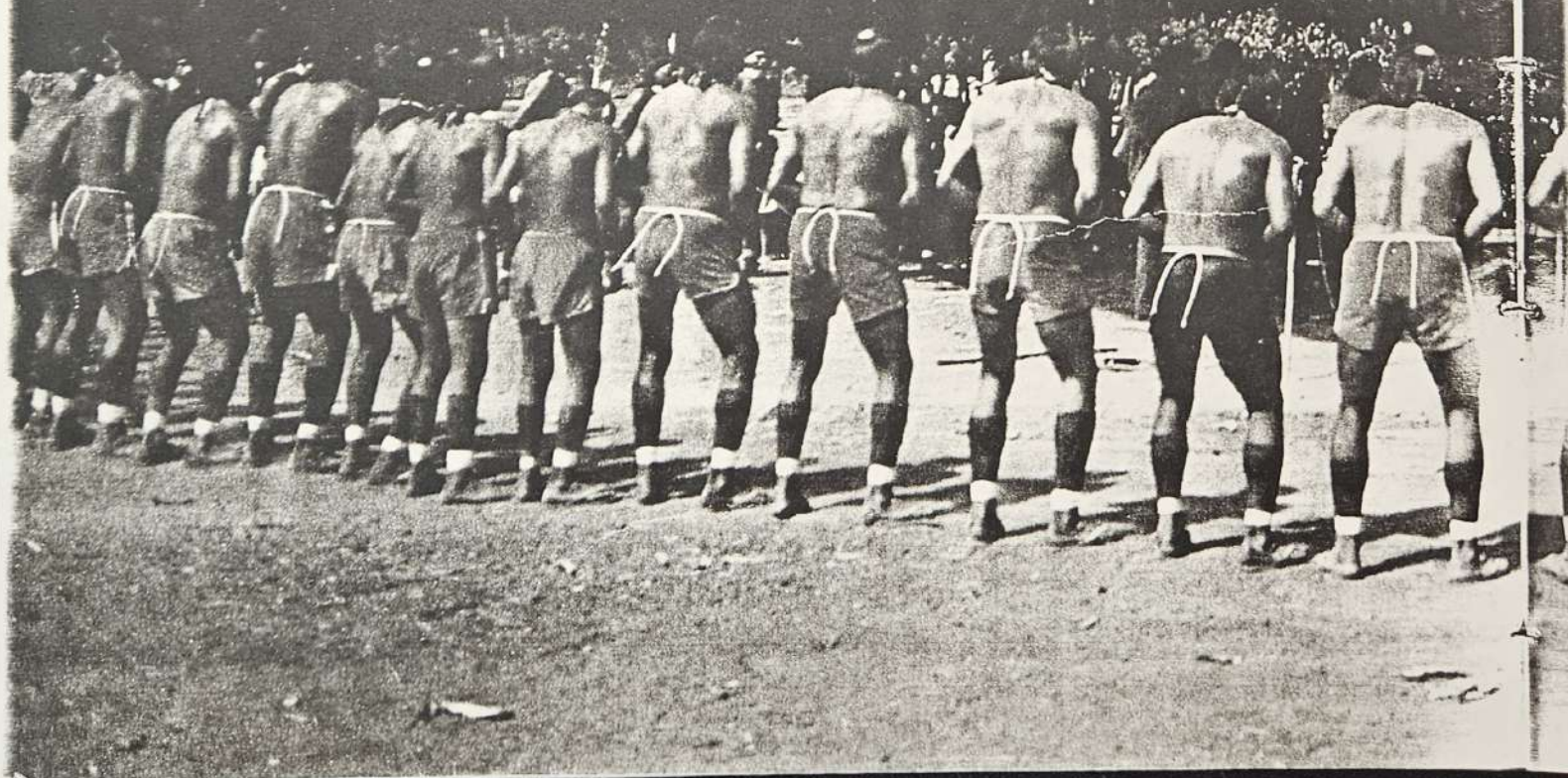
Xavantes

OS GUERREIROS SE ABREM
PARA O MUNDO



PROGRAMA D

**DURANTE OITO DIAS, A TRINDADE
XAVANTE MAIS FECHADA DO PLANETA ABRIU SUAS
PORTAS PARA O PRIMEIRISSIMO MUNDO DE UM
GRUPO DE CRIANCAS DA ALEMANHA**



ÍNDIO

Eles usam calção, têm trator e caminhão, alguns falam até inglês. Mas, desde 1940, os índios xavantes da reserva Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, adotam a distância como tática de resistência à civilização do homem branco. Em julho último esse tabu foi quebrado em grande estilo: um rosado grupo de crianças e adolescentes chegou à aldeia para um contato de primeiro grau. E o mais curioso: eram todos alemães!

A aventura começou há três anos, quando o jornalista alemão Erwin Bienewald visitou a aldeia. Impressionado com a independência bem resolvida desses índios, ele idealizou o sonho do encontro entre os dois extremos do primeiro e terceiro mundos. Longe do bem-bom da civilização, onde são movidos a hamburguer e refrigerantes, os meninos e meninas da cidade de Bremem viveram dias de Deus e o diabo no meio do cerrado: camas de folha de palmeira, cerimônias na lua cheia e lazer em rios cheios de piranha fizeram parte da recepção cinco estrelas preparada pelos índios.

O choque indisfarçável de culturas, no entanto, acabou vencido verdadeiramente na raça, ao longo de vários dias de convivência. Vermelha de urucum, usando colares de sementes e gravatinhas de algodão retorcido, a tribo loira chorou emocionada na hora da despedida. Claudia, 19 anos, que veio ao Brasil contra a vontade dos pais, precisou respirar fundo para contar o que aprendeu: "Pela primeira vez me senti parte de um lugar, parte da Terra, convivendo com as pessoas e dividindo o mínimo necessário para a vida".



Urucum no rosto e entalhe na pele: crianças e adolescentes indígenas brasileiros fizeram festivo contato com o mundo branco





Português, inglês, alemão, mimica, tinta, adornos pelo corpo: durante a visita, convidados e anfitriões fizeram de tudo para se entender



Aeroporto Internacional de Cumbica, São Paulo, primeiros dias de julho de 1992. Começa aí um cara a cara de culturas que vai repetir, em várias oportunidades, os estranhamentos vividos por índios brasileiros e a civilização europeia representada por Pedro Álvares Cabral. Quatro chefes da reserva Xavante de Pimentel Barbosa, pintados e com arco e flecha a tiracolo, chegam em missão oficial para receber um grupo de catorze crianças e adolescentes alemães, com idades entre 11 e 19 anos, liderado por um jornalista de boas idéias. Munido apenas de algumas impressões sobre seus anfitriões de pele vermelha, o grupo não se inibe e sai abraçado com os índios.

Até aí, realmente tudo bem — não fosse essa a primeira vez que os xavantes de Mato Grosso se permitem conviver com um grupo de cidadãos urbanos, e ainda por cima alemães! Faz tempo esses índios desistiram de qualquer aproximação com o homem branco. Na aldeia não falta nada em termos de tecnologia, muitos inclusive buscam formação técnica nas vilas e cidades próximas, mas só. Convivência ou entra-e-sai de estrangeiros na reserva, nunca!

A partir de Goiânia, índios e alemães dividiram espaço na carroceria do caminhão da tribo, aos solavancos pela estradinha de terra que leva até a reserva, um mundo de 330 mil hectares. Para explicar quem eram os gaviões, lagartos e emas que fugiam do ronco do motor, os índios buscavam com esforço palavras em português, que depois o jornalista Bienewald legendava — como podia — em alemão.

BOAS VINDAS

No centro da aldeia, a cerimônia de chegada mostrou toda a comunidade reunida. Mais de 100 guerreiros, com os cabelos longos junto à nuca e decorados com penas de arara, rodearam os visitantes, cantando e dançando. Então, uma longa fila, com mulheres e muitas crianças, cumprimentou os novos amigos, um a um. Situação fantástica para uma turma que só conhecia índio por fotografia e outra que nem imaginava gente assim tão branca. Para acomodá-los, duas casas especialmente construídas pela tribo (uma de meninos, outra de meninas, conforme a tradição). Mas no lugar de camas e lençóis branquinhos, só redes, folhas de palmeira e esteiras. E em vez de energia elétrica, a luz da lua cheia.

Quantas são as diferenças entre a vida confortável alemã e o dia-a-dia de uma aldeia Xavante? Para tomar banho, um rio onde sucurs e arraias aparecem sem mandar recado. Para comer, um esforço bem maior do que simplesmente abrir a geladeira; e preciso caçar ou colher a refeição. Dormir, só depois de muita dança e cantoria.

Logo no primeiro dia, um mal-entendido: uma menina foi flagrada pelos olhos inocentes de um grupo de indiozinhos enquanto tomava banho. Seus gritos de horror não os afugentou. Ao contrário, a plateia se aproximou mais ainda — para socorrer-la. Cercada pelos selvagens (foi assim que ela se viu), disparou até a aldeia.

Depois, mais confusão num passeio até a praia do Rio das Mortes. Tudo ótimo, até que os índios resolveram pescar, descendo rio abaixo. Sozinha, despreparada para a natureza explícita daquele lugar sagrado, a trupe alemã não suportou a espera de 10 horas de sol, mosquitos, fome e medo. Já se imaginando abandonados, a mercê das feras, eles gritaram o quanto puderam, antes de improvisar desesperadas mensagens de S.O.S. na areia. Os índios chegaram tranquilos, trazendo a janta.

Para a cara com os segredos xavantes



Para receber os convidados, os xavantes construíram ocas (ao lado) e instalaram redes (à esquerda). Ninguém escapou da vida de índio. Nem os meninos, que ainda passaram pela cerimônia do Wai'a (abaixo)





Klick

PODARKE IN
VON
JUNGEN ZU
GEJÄHTEN

ATRIED DA CLIC

Man hat schon oft gehört von den Kindern der Amazonen, die in den Dschungeln leben. Aber jetzt haben wir endlich eine Gelegenheit, sie zu sehen. In der neuen Ausgabe von Klick, die wir Ihnen heute vorstellen, finden Sie eine große Anzahl von Bildern, die die Kinder der Amazonen zeigen. Sie sind sehr schön und sehr intelligent. Sie leben in den Dschungeln und sind sehr stark. Sie sind sehr schön und sehr intelligent. Sie leben in den Dschungeln und sind sehr stark.

Ausgabe von Klick, die wir Ihnen heute vorstellen, finden Sie eine große Anzahl von Bildern, die die Kinder der Amazonen zeigen. Sie sind sehr schön und sehr intelligent. Sie leben in den Dschungeln und sind sehr stark.

Foram dias de uma verdadeira pol

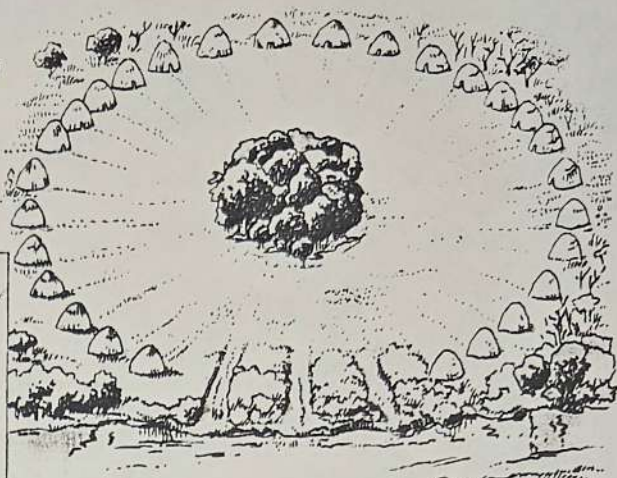
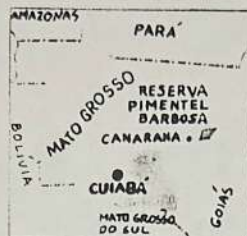


FESTA A RIGOR

O toque no cabelo foi um dos muitos detalhes na recepção aos visitantes da Alemanha. Durante meses a aldeia xavante deu o melhor de si para realizar o encontro, que levou dois anos para acontecer.

O REINO XAVANTE

Na reserva de Pimentel Barbosa, o centro da aldeia é o lugar mais importante. A posição das 28 ocas é definida conforme a tradição e hierarquia de cada clã.



PAULO NILSON

A programação de atividades, cuidadosamente preparada pelos índios ao longo de vários meses, quase que imitava, em volume e variedade, aquelas dos acampamentos organizados para crianças, comuns nos períodos de férias escolares. Artesanato e corridas de tora de buriti para as meninas, danças e caçadas para os meninos.

As dificuldades serviram para aproximar a tribo Xavante da tribo loira. O garoto Simon, de 12 anos, acabou consagrado entre os índios na cerimônia do *wai'a*, que marca a iniciação dos guerreiros. Um jovem xavante pisou com força o pé do alemãozinho, pondo à prova sua coragem e resistência. Simon teve fibra, encarando firme seu desafiante. Foi coberto de atenção e presentes dos índios mais velhos.

Os oito dias dessa pororoca cultural modificaram hóspedes e hospedeiros. Os índios de Pimentel Barbosa fizeram concessões jamais imaginadas, como a de admitir estranhos na tribo, in-

clusivo nos rituais sagrados. Os aventureiros de Bremem, por sua vez, transformaram-se em exceções de uma sociedade apenas aparentemente civilizada, que não consegue entender a verdade descomplicada dos povos da floresta.

Enquanto trocavam presentes e choravam juntos na despedida, esses cidadãos do mundo provavelmente descobririam que é possível viver em paz, entre si e diante da natureza, apesar de todas as diferenças.



PARA IR MAIS FUNDO

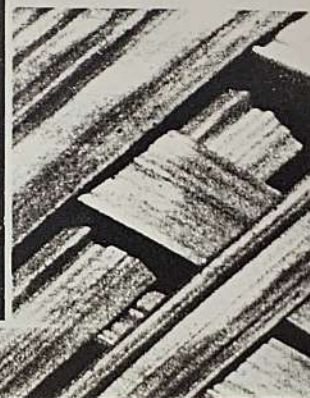
O Dono dos Sonhos, livro de Sergio Luiz Rodrigues Medeiros, Editora Razão Social, 1991, sobre a linguagem dos sonhos dos xavantes.

Embaixada dos Povos da Floresta, Praça Dr. Enio Barbato s/n.º, São Paulo, SP, telefone (011) 813-1754.

Xingu, vídeo da Manchete, trata do universo dos índios do Brasil.



Improvizada em janes e tarzans, a equipe alemã chorou e gritou, mas acabou aprovada



Pororoca cultural